



HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional
de História-ANPUH

Organizadores
Ismênia de Lima Martins
Rodrigo Patto Sá Motta
Zilda Gricoli Iokoi

HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional da ANPUH
Belo Horizonte - MG - julho de 1997

vol. I

ANPUH
Humanitas
PUBLICAÇÕES
FFLCH/USP

1998

Ideologia de governo e governante em Amiano Marcelino

Margarida Maria de Carvalho
Universidade Estadual Paulista-Franca

Amiano Marcelino é um autor pagão do Império Romano do século IV d.C. Escreveu a obra *Res Gestae*, composta de 31 livros no período denominado de Renascimento Teodosiano. Os treze primeiros livros, cujos fatos relatados são de 96 a 353 d.C., encontram-se perdidos. Os dezoito restantes revelam acontecimentos vividos e assistidos pelo autor, num arco cronológico que vai de 354 a 378 d.C.

Interessam-nos, especialmente, os livros XV-XXV que contêm narrações sobre a vida e os feitos do imperador Juliano. É principalmente nestes que buscamos a concepção de Amiano sobre ideologia de governo e governante.

Amiano Marcelino é proveniente de Antioquia e tudo indica que há uma certa indisposição por parte do próprio autor de falar sobre si mesmo.

Há uma carta de Libânio endereçada a ele, datada de 392 d.C., na qual tal neoplatônico elogia o discurso de Amiano recitado em público em Roma.

Libânio enviou sua missiva a este autor pagão que estava sendo aclamado por seus escritos em recepções ilustres ou nos colóquios ocorridos em Roma daquela época. Em sua carta, o consi-

dera “um de nós” por ter elevado a fama de Antioquia, cidade natal de ambos escritores.

É só através de Libânio que sabemos que Amiano finalizou sua obra em 392 e estava realizando, com grande êxito, leituras de seus próprios discursos para o público romano.

Em alguns momentos Amiano nos dá a entender que é proveniente de família nobre. Foi designado por Constâncio II, em 353 d.C., ao *staff* pessoal de Ursicino – *magister equitum* do Oriente.

Em 356 d.C. ouve falar de Juliano como *César* de Constâncio, o qual estava realizando grandes feitos contra os bárbaros invasores das regiões romanas.

Amiano atua no exército romano de 356 a 363 e em março deste último ano integra-se ao exército de Juliano como um oficial de artilharia e participa, já inserido diretamente no círculo de amigos e profissionais deste imperador, de inúmeras batalhas nas Gálias e de outras contra os persas, inclusive naquela em que o príncipe seria morto. Após a entronação de Joviano, retira-se da vida militar, iniciando sua vida literária.

Em toda a sua obra é marcante uma interpretação pessoal do valor dos reinos, da idéia que possui de Roma, sobre seu passado e seu momento presente. Através da análise das *Res Gestae*, conseguimos perceber sua noção de Estado, de governo e de governante. Esta noção insere-se numa ideologia tradicional própria do século IV d.C. Uma ideologia cujo sistema de valores busca apoio nas forças de conservação, pois Amiano parece ter medo do futuro, medo das invasões bárbaras, ou seja, da entrada destes no Exército, o que passa a acontecer demasiadamente após a elevação de Constantino ao trono. O Império Romano, em sua concepção, deve ser mantido sob a égide de um exército formado, em sua essência, por romanos. A noção de Estado passada por Amiano é a de um Estado centralizado que deveria intervir de forma eficaz e direta sobre a administração pública e, principalmente, sobre o exército.

Amiano é representante de uma sociedade que, tudo indica, vive sob o temor das novidades, novidades estas que arriscariam romper com o equilíbrio da sociedade romana do século IV d.C., recuperado com dificuldade, após um longo período instável politicamente e militarmente, proporcionado pelas circunstâncias do século III d.C.

Na visão do romano do Baixo Império, o imperador começa a revestir, com uma intensidade cada vez maior, os atributos de um rei salvador com poderes para reordenar o Império Romano.

No caso de Amiano, sobressai a grande importância do imperador como um chefe militar exemplar. Aquele que vai defender as fronteiras do Império contra os bárbaros e que vai manter um aparato militar ampliado – condição fundamental para a preservação do Império contra ataques estrangeiros.

Inúmeras são as descrições de Amiano sobre os feitos militares gloriosos de Juliano como César e como Augusto.

Nos livros XV, XVI e XVII encontram-se inúmeros comentários sobre suas investidas contra os alamanos, sua grande vitória em Estrasburgo, as conseqüências de seu sucesso (como intrigas feitas na corte de Constâncio) e as campanhas contra os sármatas.

Nos livros XVIII e XIX há relatos sobre seus empreendimentos nas guerras, livrando os romanos de Sapor (rei dos persas).

Podemos ilustrar algumas passagens que demonstram a paixão de Amiano Marcelino pelo Juliano militar:

Os soldados aprovaram com uma alegria prodigiosa a escolha de Juliano – Augusto e o acolheram como *César* com grande admiração¹.

Eles contemplaram por muito tempo seus calorosos olhos e sua feição animada e graciosa e os soldados deduziram o que ele seria, um dia, como se tivessem investigado em livros antigos cuja leitura revelasse os segredos das almas pelos traços do corpo².

Outra passagem ilustra a chegada de Juliano a Viena quando “os habitantes de todas as cidades e de qualquer escala social acompanharam sua entrada para acolhê-lo com honras como um príncipe desejado e feliz”³.

Amiano revela o quanto Juliano lutou contra os alamanos e as tribos germânicas, não só para consolidar o *limes*, mas, sobretudo, para reconstruir e fortificar as cidades renanas entre Agripina e Argentorato⁴.

Percebe-se que Amiano Marcelino possui reações morais típicas, comuns aos homens do século IV d.C., quando trata dos deveres do soberano e do cidadão, celebrando a virtude romana.

Reconhece que o bom governante, ou seja, o homem sóbrio, deve ter temperança, coragem e equilíbrio. Assim, louva o imperador Juliano, o qual era de temperamento são e enérgico como todo homem de Estado deveria ser. Amiano é sensível às qualidades do ser social: admira o homem culto, filósofo e educado. Comenta que Juliano possuía um eminente grau de cortesia e uma doçura natural⁵.

Observa-se, também, que em nenhuma passagem de sua obra ele critica a organização de sua sociedade.

É fiel à Monarquia Imperial. O Estado político presente é, sem contestação, o melhor aos seus olhos, superior mesmo às antigas instituições republicanas.

Recrudescer as funções do governante ao citar que:

A cidade venerada, após Juliano ter abatido as cabeças orgulhosas dos povos selvagens e ter elaborado as leis que são o fundamento e a garantia eterna da liberdade – como um pai providente e rico – confiou aos Césares as suas crianças e o direito de administrar seu patrimônio.

Amiano, como um bom soldado, vincula-se à pessoa do soberano; para ele a legitimidade do poder detido por um príncipe funda a submissão e o respeito que devem ser a ele concedidos.

Na passagem XIX, 12, 17, Amiano comenta que:

A existência do Príncipe legítimo está articulada à idéia de proteger os bons cidadãos, logo, todas as vontades devem se unir para defendê-lo.

Portanto, inferimos na narrativa de Amiano que o governante Juliano é o *Princeps* ideal. O discurso de Amiano possui ingredi-

entes tradicionalistas, moralizantes, os quais fazem parte de um repertório de exemplos construído no passado, resgatado no presente e plenamente ratificado pela tradição secular. O príncipe deve ser virtuoso, clemente, justo e piedoso⁶.

Dentro desta tradição, Amiano faz honras a Juliano pelas suas qualidades como homem de Estado, fundamentalmente, por ter sido um grande chefe militar.

O bom soberano é, sobretudo, admirado pelo seu conhecimento sobre a ciência das armas, espírito de liderança sobre as tropas, boas empresas e generosidade.⁷

Percebe-se, assim, que a própria hostilidade de Amiano com os bárbaros é um aspecto de sua defesa dos valores tradicionais.

Para tratar mais precisamente a ideologia de governo e governante de Amiano, é interessante perceber que este autor luta contra o tempo que pode destruir e aniquilar a lembrança dos atos heróicos de Juliano. Sua narrativa está repleta de digressões e parcialidades. Devemos prestar atenção em suas expressões e na sua retórica e perceber que para dar vida a um momento da história e para apropriar-se dele, o autor não escapou aos frutos de sua imaginação, utilizando-se de uma linguagem que reforça o mito do bom governante, inserido em sua ideologia de bom governo.

NOTAS

¹ AMIANO MARCELINO. *Histoire. Livres XIV-XIX*. Texte établi et traduit par Édouard Galletier e Guy Sabbah. Paris, Les Belles Lettres, 1968-1970, 2t.; AMIANO MARCELINO. *Histoire. Livres XX-XXVIII*. Texte établi et traduit par Juan Deseado Nisard. Paris, F.D.F, 1860. XV, 8, 15.

² *Idem*.

³ *Idem*, XV, 8, 24.

⁴ *Idem*, XVI, 3, 12.

⁵ *Idem*, XXIV, 1, 13.

⁶ GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A figura do "Optimus Principis" nos compêndios de História Romana produzidos no século IV d.C.* Monografia de Bacharelado. Rio de Janeiro, IFCS, UFRJ, 1991.

⁷ Amiano, XXV, 4.